



Transparências: a essência da técnica nada tem de técnico mas de humano

Conceição Lopes

Resumo: Um pouco de silêncio e de escuro como nas salas de cinema antes do filme começar. Pensar-escrever-ler-questionar, conviver neste estar-aqui, no entretanto com aquele que lê – pensa-questiona e mais com aquele que rejeita e aceita coloca novas dúvidas. À mesa dos nossos olhos estarão Heidegger (1986) e Hottois (1992). Dois textos de base guiam o percurso da reflexão questionante acerca da pertinência, na actualidade, do modo de pensar sobre a essência da técnica de Heidegger e o paradigma bioético de Hottois sobre a tecnociência. Com eles, se pretende fazer uma aproximação compreensiva à realidade do mundo do artifício humano.

Palavras-chave: Técnica - Tecnociência - Humano

Abstract: Some silence and darkness as in movie theaters before the show begins. To think-write-read-question, to live in this estar-aqui, in the meanwhile with the one who reads-thinks-questions and more with the one who rejects and accepts brings forth new doubts. Before our eyes will be Heidegger (1986) and Hottois (1992). Two basic texts guide the path of questioning thought around pertinence, in actuality, of the thinking on Heidegger's essence of technique and Hottois' bioethical paradigm on tecnoscience. Along them is the pretension to comprehensively approach the reality of the world of human artifice.

Key words: Technique - Tecnoscience - Human

Resumen: Un poco de silencio y de obscuridad como en las salas de cine antes del film empezar. Pensar-escrever-leer-cuestionar, convivir en este estar-aquí, entretanto com aquel que lee – pensa-cuestiona y mas con aquel que rechaza y acepta poner nuevas dudas. A la mesa de nuestros ojos van a estar Heidegger (1986) y Hottois (1992). Dos textos de base guían el percurso de la reflexión cuestionante a cerca de la pertinencia, en la actualidad, del modo de pensar sobre la esencia de la técnica de Heidegger y el paradigma bioético de Hottois sobre la tecnociencia. Con ellos, se pretende hacer una aproximación comprensiva a la realidad del mundo del artifício humano.

Palabras clave: Técnica - Tecnociencia - Humano.

Conceição Lopes é PhD e professora do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro - Portugal. *e-mail:* clopes@ca.ua.pt

A palavra técnica

Ao jeito de Heidegger, o uso da palavra técnica o que oculta? A etimologia radica-se na palavra grega *techné* que na Grécia antiga estava mais próxima da arte (traduzida por *ars* em Latim) do que aquilo a que hoje a palavra está vulgarmente associada a instrumento.

A *techné* estava associada aos artífices e não aos cientistas, havendo uma separação entre ciência reservada aos teóricos, aos filósofos, e a *techné* reservada aos práticos-artífices—criadores, aos trabalhadores e muitas vezes também escravos.

Apesar de se considerar na prática a supremacia da teoria sobre a técnica, Arquimedes aproximou a teoria à prática.

Heidegger reconheceu a indissociabilidade da interacção entre teoria e prática, ou seja entre ciência e técnica. A seu modo, a Revolução Industrial contribuiu também para esta orientação, já que no seu contexto deixou de existir os artifices (sentido antigo de *techné*) para existirem os operários (associados ao sentido novo de técnica instrumental, práticos e repetidores). O uso que os falantes da língua portuguesa, normalmente, fazem da palavra técnica aludem a aparelhos, instrumentos que resultam da aplicação da teoria à prática (entre outros a título de exemplo, a televisão como utilização prática do electromagnetismo descoberto anteriormente; a bomba atómica como concretização da produção da energia nuclear), ou pelo contrário surgem instrumentos como a máquina a vapor, depois da teoria. Destas orientações construídas na interacção Humano-mundo desenvolve-se um tipo de racionalidade associada a um modo de ser e de agir que privilegia a *produção* (produzir é fazer passar algo de um estado escondido a um estado não-escondido, mas também, é ainda algo de poético porque está associado ao desvelamento, ou seja, produzir é develar o que não se produz a si mesmo). A provocação da natureza (a técnica interpela para extrair e manipular a natureza). Não se trata de por exemplo fazer as pontes sobre os

rios (técnica antiga) mas também de fazer barragens para conter as águas e o seu movimento (técnica moderna) e a interpelação e persuasão *Ge-stell* (*geser* cometido de actos *stell*, por em evidência, por no lugar, seguir rasto). Persuadir é fruto da provocação que coloca o Homem no inevitável centro do desvelamento que afirma o seu próprio destino, que nada tem de técnico. Durante todo o decurso da história do ocidente a diferença constitui sempre o fundamento esquecido e não pensado de todo o pensamento metafísico. O famoso esquecimento do ser não é outra coisa do que o esquecimento da diferença ontológica, diferença entre o ser e o ente, onde o ente esquece as possibilidades de ser. Para Heidegger ela constitui “o que é mais digno de ser posto em questão”, e investigá-lo, é a preocupação central e única de toda a sua filosofia. A técnica moderna coloca o Homem no percurso de desocultação e da interpelação do próprio Homem sobre o seu destino no mundo, produzindo, provocando por isso mesmo, a orientação sobre o destino do homem que na técnica moderna se revela.

Na perspectiva de Heidegger a essência da técnica reside na persuasão, o que se revela também por um lado como libertador do destino do Homem e como ameaça ao entendimento do apelo dessa essência. Indagar o pensamento sobre a técnica e a essência da técnica é para Heidegger a possibilidade, não só, de confirmar a distinção entre técnica e essência da técnica, como também conciliar o que as separa não se deixando levar pela sedução fascinante dos instrumentos, antes pelo contrário persistir na perturbante busca, pelo que se revela e se esconde na técnica.

Compreender os quatro eixos conceptuais sobre a técnica em Heidegger: Visão Instrumental (a técnica enquanto instrumento, está colocada fora do Humano é um meio de realização de um conjunto de acções); Visão Antropológica (a técnica enquanto actividade humana); Visão de “mostração” (possibilidade do corpo humano realizar actividades técnicas); Visão filosófica (a técnica desvela o ser que nela mora assim, ao mesmo tempo que

o esconde, a técnica revela a sua essência).

Heidegger no seu processo de pensar a questão da técnica apresenta um caminho possível de encontro da essência da técnica e estabelece entre técnica e essência da técnica não só uma separação metodológica mas, e sobretudo, uma filosofia em cujo centro está um conjunto de questões sempre em aberto, sobre quem é o *Dasein* e como existe *Wesen*, no seu estar aí localizado.

A essência da técnica não é instrumental, não é mostrada, mas está oculta e só pela questionação é possível encontrá-la e ao fazê-lo encontra-se a essência do Humano.

Pensar a essência da técnica

A técnica é uma produção do Homem do Homo Faber, fazedor de coisas úteis. Assim, pensar a técnica é abrir caminho à revelação da sua essência, que é a desocultação do que está para além dela, que é o ser do Humano.

Para Heidegger, “pensar a técnica não é o mesmo que pensar sobre a essência da técnica. Da mesma maneira, a essência da técnica não é absolutamente nada de técnico”, sendo antes uma produção que traz ao presente os objectos técnicos e as relações entre eles em conformidade com modelos, mais ou menos rígidos, que são inseparáveis da faculdade formadora da linguagem. Esta determinação, embora demasiado geral, implica o questionamento da instrumentalidade, tanto em relação ao sujeito, como em relação ao objecto. Deste modo, Heidegger desprende-se da questão em si, para procurar uma reflexão livre de pré-conceitos e abrir o ser *Dasein* à essência *Wesen* da técnica. *Dasein* que epistemologicamente se constitui na língua alemã como o *Da+Sein*, em português quer dizer o ser da, no ser aí- *Dasein*, ser que está em situação, o que está em campo aberto, o ser que põe o problema de existir. *Dasein* que implica o desafio de estar aí que, por sua vez, implica também o pensar. Heidegger radica a sua reflexão sobre a questão da técnica, na questão do ser. Nós somos *Dasein* inautênticos, porque quando chegamos ao mundo não criámos nada. Temos é uma

capacidade de poder ser. O Humano não se cria a si próprio, cuida-se. Para Heidegger é isto que faz a sua essência. É a capacidade de perguntar, questionar o seu próprio ser e as possibilidades de ser. A possibilidade de ser é antes de mais a possibilidade de pensar.

Pensar a técnica não é o mesmo que pensar a essência da técnica, para Heidegger, diga-se que a técnica será a realização da essência da técnica. A técnica é plural, pois reenvia para a multiplicidade de acções e de instrumentos, enquanto a essência é singular, independentemente da sua natureza, artesanal, industrial e racionalizada. A noção de essência não pode ser confundida com a sua existência (noção grega aristotélica). A existência –aí (da) no ser aí *Dasein* do Humano actualiza o ser e confunde-se com o ser do ente, o ser algo –*Wesen* ou a essência.

Existir é para Heidegger estar na clareira do ser, *Lichtung*, o estar postado na clareira do ser denominado eu, a ec-sistência do Humano que conserva a origem da sua determinação.

O existente é temporal, tudo o que existe nasce e morre, tudo o que existe está comprometido com a historicidade do Humano enquanto *Dasein* e atrai o Humano para o projecto. O sentido do conceito de existência é este poder ser. A essência do ser Humano é a sua existência, a sua potencialidade.

Pensar a essência da técnica é pensar para além da actividade ou do instrumento, é pensá-la no que oculta, que é a essência do Humano, e manifestá-la.

A técnica enquanto produção de um existente que sabe qual é a sua essência, orienta-a em função da sua essência – daquele que está aí, o que está empenhado *Dasein* em função do que ele é *Wesen*.

Para Heidegger, tudo o que existe e se manifesta, ao mesmo tempo que apresenta algo, também esconde. Como refere o autor, a nossa permanente convivialidade com os objectos técnicos gera o esquecimento face à essência da técnica. Esta pretensa condição de neutralidade face à técnica, refere ainda Heidegger, impossibilita a re-

flexão sobre o ser que nela está oculto. A materialidade desvirtua o seu favorecendo o esquecimento, pois assiste-se à supremacia do ter sobre o ser. A essência da técnica nada tem de instrumental, mas de essencial. No Humano a essência é a possibilidade de desocultar o que está oculto pela circunstância, pelo particular. Desocultar é fundamental para Heidegger, dado que, como refere somos escuros para nós próprios. É isso que significa o nosso ser aí Dasein. O não estar oculto, ou seja, a busca da verdade *a-ltheia* caracteriza o ser do ente e não tem apenas o seu lugar na atitude humana perante o ser - o juízo, o lugar da verdade de modo algum é um juízo refere Heidegger. Ser é Existir, essência e existência reciprocamente se implicam. A técnica enquanto produção de um existente é resultante de um comportamento interessado. É neste sentido que dizemos que a técnica é uma realização humana, cuja essência é essencialmente predadora que correspondem a uma necessidade humana e são expressão da sua existência. Ao pensar com Heidegger sobre a essência da técnica, encontramos, no âmago da técnica, a própria essência do homem. A essência humana nada tem de técnico. Ela é o traço de união entre os homens, o que os separa é a existência material da sua condição humana manifesta na sua linguagem, que para Heidegger é a casa onde mora o ser. A existência humana agita-se dentro da tensão entre imanência e transcendência, porque o homem existe, enquanto insiste no domínio da verdade do ser, isto é, a vicissitude instaurada pela diferença irreduzível e necessária entre o ser. O ser nunca é directamente acessível. Como diferença ontológica inclui sempre uma irreduzibilidade ao ente. Nunca poderá ser constatado, a modo de um dado factu objectivável. O ser só se dá obliquamente enquanto retraindo-se e escondendo-se em si mesmo ilumina o ente segundo determinada figura da sua verdade. Esse jogo híbrido de retracção e manifestação, de luz e sombra, de velar e re-velar constitui o essencialismo da verdade, tal como os gregos a pensaram originariamente, na *a-ltheia*.

Pensar a técnica

Heidegger ao responder à questão: o que é a técnica? Situa, desde logo, no que considera ser as respostas mais comuns a esta pergunta. Numa primeira resposta a técnica é entendida como meio para certos fins, numa segunda, enquanto actividade humana. Associando, ambas as respostas à representação corrente da técnica que designa por concepção instrumental e antropológica, por as considerar indissociáveis. Contudo, Heidegger acrescenta uma terceira resposta que se designa de menoridade, ao caracterizá-la como a mostra, ou apresentação dos objectos designados.

Ao reflectir sobre a instrumentalidade da técnica, Heidegger vai pelo caminho da perspectiva casuísta da realidade, seguindo uma estratégia de classificação proposta pelas quatro causas de Aristóteles (*materiais, formalis, finalis, efficiens*). Heidegger denuncia os riscos deste tipo de estratégia que pode conduzir a um domínio mecânico da natureza e a inverter as próprias leis naturais, ao impor a nossa racionalidade ao curso natural do cosmo.

A técnica ao estar situada no plano da actividade humana ela está indissociavelmente ligada à acção, acção que por sua vez é mais geral do que técnica. A técnica será apenas uma das formas da acção humana, ela é um certo agora da acção, da sua eficácia e da sua eficiências e também da sua comunicação.

De acordo com Heidegger o Humano é um ser para acção, ele próprio é acção. Neste sentido não se produz nada – produção é então uma forma de desocultar o ser. É através do conceito de produção, que é uma *poiesis*, que Heidegger coloca a questão chave da técnica – enquanto expõe o ser, des-cobre o ser. A técnica, como que deixa ver o que está aí, perante o ser.

Pensar a técnica será então a procura da verdade. Porque como refere Heidegger a técnica não é somente um meio, ela é um modo de desvelamento, de desocultação. Aqui encontramos o ponto decisivo para pensar a técnica, e entendê-la. A técnica não reside de forma

al-guma na acção de fazer e de manejar, nem na utilização dos meios, mas sim na sua explicação.

A técnica moderna

O exacto está ligado à eficácia da observação e ao rigor da medida do instrumento. Quando se descobre o funcionamento das coisas, é a eficácia que domina, passando-se para a explicação, para a verdade, depois de a termos dominado.

A desocultação que preside à técnica moderna é para Heidegger o carácter de um pro-vocação e de interpretação *Stellen*, é uma espoliação da natureza, contrária a *Bestellen*, que significa cultivar a natureza. A criação e produção da técnica moderna são modos de manifestação da verdade. Na técnica moderna ou racionalizada, o processo de descoberta, revela uma concepção instrumental e utilitária – concepção caduca de técnica. Enquanto a essência da técnica leva-nos a uma reflexão sobre a humanização. O verdadeiro produto é a possibilidade de negar a essência do próprio Humano. O frenesim da técnica moderna revela uma concepção mecanicista e Heidegger chama a atenção para a consideração de que só a essência da técnica nos fará reconhecer, uma orientação da utilização da técnica em função da sua essência. É o ser no sentido do criador e do criativo que é evidenciado. Conjugiar o desvelamento da natureza com o desvelamento do ser na sua essência é um desafio que se coloca à técnica moderna.

Entre os gregos desocultar significava produzir algo de belo e de artístico. Significava ainda uma relação de equilíbrio entre a capacidade inventiva do Humano e as potencialidades que a natureza oferecia. Heidegger propõe uma aliança entre a filosofia e a arte, como meio de promoção de uma orientação existencial do Humano, dado que a arte, contrariamente à técnica moderna, não perdeu a sua dimensão essencial.

Há uma grande ambivalência na nossa atitude em relação à técnica, expectativa e anseio. Para Heidegger,

saber porque é que a técnica é perigosa é uma questão contemporânea.

Toda a técnica tem como essência a *poiesis*, mas a técnica moderna transformou a poiesis, a pro-dução, em dispositivo: *Ge-stell*. Assim não é a técnica que é perigosa, mas a sua essência. O perigo da técnica é o seu fechamento, é desumana. A técnica fecharia o Humano ao ente. A técnica enquanto perigo é um dos modos possíveis de ser. Para Heidegger os Humanos mais abertos na modernidade são os poetas, assim a poesia seria, eventualmente, o antídoto da *Ge-stell*, isto é, a linguagem poética abria os homens para uma viragem na história do ser-*Tournant*. Esta viragem não depende da vontade humana, mas é necessário que o Humano esteja infinitamente disposto, aberto a o advento.

A verdade há cerca da técnica moderna, para Heidegger, só pode ser pensada em alemão -*Denken*- a tarefa é descobrir a essência da técnica, e identificar onde está o perigo e a salvação.

A técnica moderna provoca a natureza para se tornar número depósito disponível. A *Ge-stell* é uma provocação interpelante, onde quem fala é o *Dasein*, o Humano. A *Ge-stell* nomeia o mundo tecnológico a revelar-se. É um ser que reúne os entes numa figura dominadora de um mundo programável, onde o próprio homem está atado aos entes e à forma como se reproduzem. A *Ge-stell* provoca a natureza, a falar (linguagem matemática, científica). O grande perigo para Heidegger é que a linguagem poética se transforme em linguagem informação cibernética.

Para que a essência técnica advenha é preciso a liberdade do Humano. A linguagem, morada do ser, é o domínio de onde advêm a libertação do destino do ser, a libertação da *Ge-stell*.

Tudo o que não é perigo não está jamais dentro da essência da técnica, nem pode mesmo ser tomado como via de acesso. A constelação do ser, não é entendida sobre a dominação da técnica, desaparecem através

do rádio, do filme. A constelação do ser é o mais alto segredo do ser sobre a dominação da Gestell – composição. O imperar da composição significa que o Humano é situado, solicitado e provocado por um poder que se revela na essência da técnica. Ao fazer esta experiência, de ser situado por algo que ele próprio não domina, ele compreende que o seu ser. Para Heidegger a técnica desenraíza, cada vez mais, o Humano da terra, este perigo de desenraizamento contém, também, a disposição para agir.

A abordagem sobre a tecnociência de Hottois

À semelhança de Heidegger, Gilbert Hottois considera que a técnica não se resume apenas aos instrumentos nem à produção industrial. Hottois, questiona e identifica os discursos teóricos associados à consideração ambivalente da tecnociência: de alienação, pela perda da liberdade humana, a despersonalização, atrofia da consciência, esquecimento da tradição e respeito cada vez menor pelo ser, veiculada por discursos apocalípticos ou da reconciliação do Humano com a natureza presente nos discursos progressistas.

¹ HOTTOIS, Gilbert, *O Paradigma Bioético*, Edições Salamandra, 1992
HOTTOIS, G., *Le Signe et La Technique*, Paris, Aubier-Montaigne, 1988

Na obra “Le signe et la technique” (1988),¹ Hottois situa a sua reflexão na esteira da interrogação entre, por um lado, o mundo do signo da linguagem, do próprio Humano, e por outro lado, a técnica, a tecnoc-evolução, a tecno-esfera ou tecno-cosmos actual. A técnica, isto é, o reino operatório, do não olhar, do não valor, é assim para Hottois, aquilo que de facto impede o Homem de coincidir com a sua essência, com o que, como dizia Heidegger, provoca o Homem à interrogação interminável acerca das origens da linguagem e da técnica.

O pensamento de Hottois (1992) acerca da avaliação antropológica da tecnociência, tal como Heidegger, abre caminhos de clarificação para um melhor posicionamento e sistematização do debate bioético. Assim, define tecnociência como a tecnicização da ciência e a cientificação da técnica, revelando a relação intrínseca e irreversível da ciência com a técnica moderna e vice-ver-

sa. Há uma diferença de natureza entre a ciência tradicional e ciência moderna. A ciência tradicional é logoteórica e tem como critério de legitimidade dizer o mundo, graças ao princípio da representação e da inteligibilidade do real. A ciência moderna é operatória e manipuladora. São estas as características da tecnociência. O seu critério de cientificidade é a da extensividade do seu princípio operatório e manipulador, não só ao mundo natural, mas igualmente ao mundo da linguagem. Na abordagem da tecnociência em Hottois, a ciência é reconhecida como o meio de conhecimento do mundo e a técnica como meio de controlar e manipular o mundo.

Na avaliação antropológica da tecnociência, outra clarificação é feita através da referência à visão messiânica, que considera que a tecnociência resolve todas as necessidades elementares do Humano, bem como das suas exigências mais elevadas, bem ainda a que os progressos técnicos e científicos conduzem o Humano na crença do progresso indefinido e aumenta o poder do homem sobre a natureza.

Esta visão que pode situar-se na visão antropocentrista emerge da concepção tradicional da técnica, entendida enquanto meios construídos pelo homem e para o Humano. Esta visão procede a visão antropologista que sobrevaloriza em absoluto a teoria do Humano e todos os fins regressam à sua afirmação. Apesar do surto de consciência cósmica, segundo Hottois, esta visão não se alterou, uma vez que como refere, o Humano continua a manipular a natureza fazendo dela seu objecto de satisfação de necessidades.

Ao contrário, da visão antropológica e instrumental da técnica, Hottois postula portanto uma radical exterioridade da técnica à ordem do símbolo, em contradição com a forma de organização democrática da globalidade das relações inter-humanas. É esta exterioridade da técnica em relação ao mundo simbólico que explica aliás as reacções anti-técnicas que observamos no nosso tempo, responsáveis por todo um conjunto de fobias, fantasmas ou de um vago mal-estar.

A invenção técnica, ao contrário da mutação biológica é rápida, instantânea, não procede por maturação sucessiva de soluções geneticamente inscritas nem biologicamente reproduzíveis. Por isso, a tecno-evolução intervem, no duplo sentido de fim e de realização total, da fase histórica, relativamente curta, da evolução logo-teórica. A tecno-evolução fecharia assim o sistema logoevolutivo ou intra-específico do Humano. A esta nova etapa corresponderia uma espécie de enclausuramento informático do sistema logoevolutivo. É nesta visão cibernética que o devir linguístico da filosofia e o devir técnico operatório está sujeito às determinações algorítmicas, da matematização de todo o ser na linguagem.

Em vez de os mundos dos possíveis serem definidos pelo mundo logo-teórico é a teoria que doravante obedece ao “tudo é possível” da técnica, votando o ser a um destino plástico operativo e manipulável. Para Hottois, o imperativo deontico da técnica não é regido pela ordem do ser do sentido, mas pela infinidade, pela variabilidade ilimitada dos possíveis. Seguindo o pensamento de Hottois dir-se-à que os discursos mais comuns sobre as tecnociências situam-se entre a dialéctica da prótese e do cyborg. Ou seja, entre a ampliação das possibilidades das funções e extensões do corpo humano, visão antropológica e a criação de realidade autónomas não humanas, mas, quaisquer que elas , ambas são fruto da acção do fazer, do pensar e do dizer humano.

A ambiguidade redutora dos discursos mais comuns associados à visão antropológica das tecnociências identifica-se nas orientações que os mesmos manifestam e que segundo o autor em destaque, Hottois, organizam entre a domesticação e a idealização da técnica:

- Na domesticação, a técnica está ao serviço. Enquanto e apenas, como prótese do Humano, no sentido em que prolonga e amplia as suas possibilidades físicas e simbólicas (a título de exemplo, a caneta e a escrita, sendo a primeira uma extensão dos dedos e a segunda instrumental e simbólica que prolonga a memória e resiste à morte). Neste sentido a técnica é um auxiliar instrumental e de

actividade humana;

· Na idealização, a técnica é o cyborg, onde o Humano está ao serviço da técnica, é este que completa a máquina quando faz accionar, para no momento seguinte se autonomizar deste e funcionar por si só.

Quer num caso quer noutro e independentemente das diversas formas concretas que possuam a interpretação corrente das tecnociências são vistas como duas formas solitárias da vontade de domínio e de poder do Humano sobre a natureza, ainda que ela se oriente pela satisfação de necessidades e também pela realização da essência do homem.

Face a esta situação, para Gilbert Hottois apresenta há três saídas possíveis:

· Esgotar os limites e os possíveis “o que se poder far-se-á” que corresponde no inconsciente colectivo das civilizações judaico-cristã à visão bíblica do paraíso perdido “crescei e dominai a terra” manifesta no comportamento humano nas relações de tipo predadora e consumista da natureza;

· Procurar manter o equilíbrio entre “homem-natureza”.

· Procurar uma ética e uma estética “escolha entre possíveis” donde destaca o paradigma bioético referenciando – os princípios enunciados por Engelhart, o PA - princípio de autonomia- e o PB - princípio de beneficência como a via possível de construção de uma comunidade comunicante. No PA, o autor coloca em evidência o valor da argumentação (exercício pacífico e consciente) das pessoas acerca dos seus próprios problemas e a questionação contra o uso da coacção e da força como meio de impor uma dada resolução. No PB evidencia a procura do bem e o evitamento do mal, através de uma atitude ética de bem-estar.

Hottois entrevê a possibilidade de uma ética da técnica fundada numa forma branca de transcendência cujo segredo é o amor, susceptível de “enervar o signo, inspirar os discursos e os escritos, orientar a ordem simbólica e por este meio influenciar o crescimento técnico”.

Esta ordem ética é para Hotttois, a única maneira de evitar os dois limites mortais das ideologias totalitárias.

Quer Hotttois quer Heidegger, cada um a seu modo valorizam a essência do Homem e a construção de uma atitude e “aptitude”- APTIDÃO ética e estética sobre a questão da técnica, como meio de indagação e de construção de consensos baseados na co-produção de argumentação acerca da questão de fundo o que é o Homem e qual o seu destino que permita o seu entendimento. Finalmente. O máximo perigo cerzido nas tecnologias, novas ou antigas, consiste na subordinação da ética ao totalitarismo do dispositivo, capaz de realizar-se de uma forma absoluta. O que está hoje em jogo não é a escolha entre éticas concorrentes e antagónicas mas a própria possibilidade ética perante o dever puramente técnico e alienante do Homem, consolidado na lógica dos mercados como um jogo de interacção de soma zero, traduzindo-se no máximo de competitividade, pois o que tu ganhas – eu perco. Porém, na atitude e aptitude que se defende, não há nem vencedores nem vencidos, pois nesta questão como nas outras relacionadas directamente com a essência do Homem, senão de imediato, a curto ou a longo prazo, todos potencialmente ganhamos, ou todos perdemos, dado que se trata de um jogo de soma não zero, traduzida na lógica da interacção de cooperação.

Outra bibliografia

- HEIDEGGER, M. La Question de la Technique. In: *Essais er Conférences*. Paris: s.e., 1986
- HEIDEGGER, M. Carta sobre o humanismo. s.l.: Guimarães Editores, 1973
- HEIDEGGER, M. Introdução à Metafísica. Biblioteca Tempo Universitário. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987
- HEIDEGGER, M. Já só um Deus nos pdoe Salvar. In: *Filosofia*, V. III, nº 1,1989. p.109-135
- HEIDEGGER, M. *Le Tournant, Questions IV*. Paris: Gallimard, 1991. p.140-157
- TECNO-LÓGICAS, *Revista de Comunicação e Linguagens*, Porto (Portugal), 1986.
- STEINER, George. *As Ideias de Heidegger*. São Paulo: Cultrix, 1982.